



POR
PEDRO MARQUES LOPES

Não me peçam vénias a quem nunca se inclinou perante as nossas retumbantes vitórias, a quem difamava os nossos títulos

O título desta crónica foi a maneira como o Benfica, através dos seus responsáveis, saudou a vitória do FC Porto no campeonato de 2011/12.

Nós somos a nossa memória. A nossa vida é a medida das nossas recordações. Sem memória não somos nada, e a sua preservação é fundamental para sabermos qual é o nosso lugar no mundo, quem são os nossos amigos e inimigos, a quem devemos lealdade e contra quem temos de lutar.

Recordo-me do maior incendiário do futebol português da atualidade, o presidente diferente Luís Filipe Vieira, dizer, depois de ficar a 23 pontos do FC Porto, que o campeonato estava viciado. Tenho bem presente que o diretor de comunicação do Benfica disse, e veio em letras garrafais na primeira página deste jornal, que o nosso título se devia aos árbitros, depois de o seu clube ter ficado a seis pontos do FC Porto.

Não me esqueço dos comentários dos benfiquistas, dos declarados e dos disfarçados, que apoucavam, e apoucam, as nossas conquistas. Dos assobios para o ar quando o FC Porto se tornou o único clube português a vencer uma Liga dos Campeões e do que nunca é lembrado: o facto de o FC Porto ser o único clube, fora dos quatro grandes campeonatos europeus, a ter ganho esse troféu. É que dizer das outras taças europeias que vencemos, dos tetras, do pentá? O primeiro que tenha ouvido palavras de *fair-play* do Benfica e de elogios que se levante.

Com a cumplicidade de uma comunicação social rendida aos seis milhões de potenciais clientes, vimos os feitos do brasão abençoado serem sistematicamente minorizados, decorados com insinuações, sublinhados com adversativas. Onde estavam os que agora se contrastam com a falta de elogios nossos quando os nossos adversários não nos elogiavam? Por que não os

Brasão abençoado

Título do FC Porto é um tributo aos árbitros

criticaram, quando o FC Porto ganhava o que mais ninguém em Portugal ganhou, e viam os nossos adversários cobrirem-nos de insultos e nojentas insinuações?

Quem não leu e ouviu todos as nossas conquistas serem acompanhadas por comentários sobre sistemas, apitos dourados, frutas e intrigas e mentiras semelhantes que bata palmas à vitória do Benfica deste ano. Que aplauda de pé a vitória num campeonato em que o FC Porto foi sistematicamente prejudicado, um campeonato que foi uma autêntica pouca vergonha das nossas responsabilidades próprias já falei e voltarei a falar. Nunca, nos mais de quarenta anos que tenho de ver futebol com olhos de ver, um clube foi tão diretamente e indiretamente ajudado a ser campeão por aspetos alheios ao jogo propriamente dito como este ano.

Se há profissionais do meu clube que acham que devem enviar os parabéns a quem quer que seja é lá com eles. Compreendo, hoje estão aqui, amanhã estarão noutra parte. Hoje são Porto, amanhã serão outra coisa qualquer.

A mim não peçam vénias a quem nunca se inclinou perante as nossas retumbantes vitórias, não me cobrem elogios quando difamavam os nossos títulos, não me peçam *fair-play* quando só comportamentos e palavras soezes tiveram conosco.

Um erro

«SPORTING vai continuar a lutar pela verdade desportiva. Não posso admirar uma pessoa que fez o que fez para alcançar vitórias. É uma vergonha. Se calhar ainda vai ter veledade de pedir uma indemnização».

«Não estranho nem me interessa absolutamente nada. O meu pai, que eu adoro, é uma pessoa com 80 anos. Eu percebo. A certa altura, temos algumas dificuldades, é normal».

Estas duas preciosidades foram ditas sobre o Presidente Pinto da Costa por um indivíduo que aterrou no futebol português e que passou os primeiros anos do seu mandato a desconsiderar e a injuriar o FC Porto e o seu Presidente. É o presidente do Sporting. Não foram só estes os insultos ao Presidente do FC Porto e ao FC Porto, há mais, muitos mais. Em resposta a mentiras e a outras boçalidades, que até meteram detalhes escatológicos, nem um dirigente do FC Porto respondeu. Ou seja, o homem insultou e nós, e muito bem, deixámo-lo a falar sozinho, o mesmo tipo de conversa que ele deve ter tido com os famosos fundos russos.

A administração do FC Porto achou que se tinham de esquecer os insultos, as faltas de consideração e todas as acusações que o Bruno de

Carvalho nos fez e decidiu fazer um acordo.

Não ignoro que há momentos em que é preciso pôr o coração ao largo e engolir uns sapos, mas também sei que não há vitória que justifique a perda da dignidade, sobretudo duma instituição centenária. Porém, não vejo vantagens nenhuma, vejo só um erro estratégico em forma de um acordo. Discordo da forma, do conteúdo, mas sobretudo do significado.

Na forma, porque não consigo encontrar qualquer tipo de interesse em estar a passar a papel ou a divulgar publicamente possíveis entendimentos. Há estruturas próprias e é nelas que os clubes devem fazer os seus pactos e defender os seus interesses e o interesse comum.

No conteúdo, porque sendo a esmagadora maioria dos pontos lugares comuns que qualquer clube subscreveria – com ou sem intenção de os cumprir –, acrescenta-se uma declaração absurda sobre o Campeonato de Portugal. Uma espécie de reinvenção da história que cobre de ridículo qualquer pessoa que defenda aquele disparate. Ver o FC Porto colaborar na criação de uma verdade alternativa embaraça o meu clube e embaraça todos os sócios. É fantástico colocar uma barbaridade daquelas e não acrescentar um pedido de desculpas, no mínimo, sobre a conduta recente do presidente do Sporting. Para piorar, numa carta endereçada ao meu Presidente, Bruno de Carvalho tem o descaramento de dar a entender que ia pensar se perdoaria uma ofensa – que nunca existiu – de um administrador da SAD do FC Porto.

No significado, porque a mensagem que passa é que há uma formalização de uma espécie de pacto de perdedores (como aqui salientou impecavelmente o Miguel Sousa Tavares). Título que cai bem ao Sporting, mas não a nós.

Sou daqueles portistas que pensa que, como nunca devemos estar unidos para que possamos combater firmemente o polvo benfiquista que tomou conta de todas estruturas do futebol português. Considero também que a administração do meu clube tem, nos últimos tempos, dado passos importantes e acertados nesse combate. Não é este acordo que me faz mudar de ideias, mas não o deixo de considerar um erro grave.

rquaresma@abola.pt

De trivela



POR
RICARDO QUARESMA

Falta de militância? Olhe que não

O divórcio entre Bruno de Carvalho e o Facebook – a confirmar-se, porque não é a primeira vez que acontece e a separação sempre durou pouco – só pode ser visto como uma excelente notícia para o Sporting. Porque tem sido por meio dos (quase sempre demasiado extensos) textos all publicados – mais do que pelas declarações públicas – que Bruno de Carvalho mais vezes tem acertado nos próprios pés. E não é por falta de pontaria. Os escritos do Sporting têm sempre alvos bem definidos, mesmo que depois venha dizer que estava só a atirar para o ar. Já fez mira a Marco Silva, Jorge Jesus, Nuno Dias, Vicente Moura e até aos adeptos – entre muitos outros, dentro e fora do universo leonino. E acertou-lhes sempre. O problema não é, pois, falta de pontaria. É disparar antes de pensar nas consequências.

O divórcio entre Bruno de Carvalho e o Facebook, a confirmar-se, será talvez o sinal de que o presidente do Sporting aprendeu, ao fim de quatro anos, que não é um adepto normal. Que não

BdC pode devolver tudo ao Sporting, mas se não

lhe der estabilidade

nunca terá sucesso

pode, a cada derrota, assumir posse de pistoleiro e disparar contra tudo e todos. Mais do que de militância – os adeptos leoninos são tão ou até mais fiéis do que os de qualquer outro clube –, o Sporting precisa de estabilidade. Pode ter tudo o resto – muito dinheiro, os jogadores mais talentosos, os melhores treinadores do mundo –, mas sem estabilidade é impossível ganhar títulos.

Vicente Moura, que ontem se demitiu, foi a primeira vítima direta do último *post* do presidente leonino. Mas Bruno de Carvalho tem de pensar numa coisa: o Sporting existia antes dele e continuará a existir depois. Colocar tudo em causa, inclusive o amor dos adeptos pelo clube, é uma linha que não deve ultrapassar. Porque de tanto disparar nos próprios pés, um dia pode tornar-se vítima de si próprio.



Benfica conquistou o inédito tetracampeonato, 36.º título nacional da sua história